

NOTAS SOBRE OS CONTEMPORÂNEOS DA SOCIOLOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA OS USOS DA FOTOGRAFIA EM PESQUISAS URBANAS

Jesus Marmanillo Pereira

Resumo

O presente artigo traz um balanço teórico-metodológico baseado nas contribuições e experiências de importantes sociólogos como Erving Goffman, Horward Becker e Pierre Bourdieu. Trata-se de analisá-los de acordo com seus respectivos estudos, suas inserções na produção - ou utilização - de fotografias como modos de compreensão da sociedade e também de refletir sobre o método visual nas pesquisas urbanas. Contextualizando tais operacionalizações no âmbito da pesquisa urbana, verificou-se que o “aspecto visual” sempre esteve presente na disciplina, podendo ser evidenciado por meio de um estudo mais detalhado dos modelos teórico-metodológicos dos autores analisados no artigo.

Palavras-chave

Teoria Sociológica. Método. Fotografia. Sociologia da Imagem, pesquisas urbanas

NOTES ON CONTEMPORARY SOCIOLOGY AND ITS CONTRIBUTIONS TO PHOTOGRAPHY USES IN URBAN RESEARCH

Abstract

This paper presents a theoretical and methodological balance based on the contributions and experiences of important sociologists like Erving Goffman, Horward Becker and Pierre Bourdieu. It is analyzing them according to their studies, their insertion in the production - or use - of photographs as ways of understanding society and also to reflect on the visual method in urban research. Contextualizing such operationalizations within urban research, the “visual aspect” always was found in this discipline and may be evidenced by a more detailed study of the theoretical and methodological models of the authors analyzed in the article.

Key words

Sociological Theory. Method. Photography. Sociology of image. Urban research

1. Introdução

A Sociologia e a Antropologia têm cultivado a esperança de que a fotografia (e também o filme e o vídeo) possa ser utilizada como fonte e registro factual de informações de trato sociológico (e antropológico) sobre a realidade social (MARTINS, 2013, p. 10).

Mais do que as primeiras palavras de José de Souza Martins no livro “Sociologia da Fotografia e da Imagem”, a citação é o ponto de partida também do presente artigo, que tem como objetivo problematizar sociologicamente o uso da fotografia, seja como fonte de informação já produzida por outra pessoa, seja como produção orientada por um viés sociológico de compreensão da realidade social.

Embora ele cite a Sociologia e a Antropologia com as mesmas aspirações em relação às imagens, é importante destacar que essa última área apresenta uma tradição de estudos imagéticos mais antiga e consolidada¹, sendo importante compreender que o uso sistematizado da fotografia na Sociologia é algo recente, necessitando de estudos e reflexões a seu respeito. Assim, o presente artigo visa problematizar as possibilidades de pesquisa com fotografias, por meio de um breve balanço sobre às contribuições de

¹ Tal fato pode ser constatado quando se percebe que o uso de fotografias na produção de etnografias existe na Antropologia desde o início do século XX, com as obras: “Argonautas do Pacífico ocidental” (1922), de Bronisław Kasper Malinowski; “*Balinese Character a photographic analysis*” (1942), de Gregory Bateson e Margaret Mead; e *The North American Indian* (1915), do etnógrafo amador Edward Sheriff Curtis.

Howard Becker, Erving Goffman e Pierre Bourdieu, autores contemporâneos cujas trajetórias se entrecruzam com o processo de institucionalização de uma Sociologia Visual. Tais autores serão apresentados como possibilidade metodológica, tendo em vista aspectos de suas biografias e o processo de construção social e institucionalização desta área. Dessa forma, o artigo está organizado em duas partes, nas quais serão abordados: 1) aspectos relacionados ao esforço de construção de uma disciplina; e 2) a fotografia como método de pesquisa.

2. Fotografia e Sociologia: história, trajetórias e problemas

Segundo Emmison e Smith (2000), o nome de Howard Becker é invariavelmente ligado ao estabelecimento de uma Ciência Social do visual e à forma como ela tem sido compreendida nos Estados Unidos. Isso porque, em 1974, o ele publicou o artigo “Fotografia e Sociologia”, na revista *Studies in the Anthropology of Visual Communication*, contribuição considerada seminal para os estudos da Sociologia Visual.

Nele, Becker (1974) inicia explicando que a Sociologia e a fotografia nasceram em períodos próximos, pois a primeira referência à Sociologia foi de Augusto Comte, no livro *Curso de Filosofia Positiva* em 1830, já o caso da fotografia data de 1839, quando o físico Louis J. M. Daguerre

expôs publicamente seu método de fixar uma imagem numa placa de metal. Para Harper (1988), elas são “filhas da revolução industrial” européia e trouxeram uma nova maneira de ver (fotograficamente), e uma nova lente de interpretação (a sociologia).

Tais formas de “ver” e de “interpretar” seguiram histórias distintas: enquanto a Sociologia iniciou-se numa busca de reconhecimento científico com os trabalhos de Augusto Comte, a prática fotográfica difundiu-se por outros campos adquirindo reconhecimento artístico, técnico e sendo utilizada, comumente no fotojornalismo, em retratos de família, como registro policial e em mecanismo de vigilância e controle de populações (SONTAG, 2004).

Com base em autores como Leite (1988), Samain (1995) e Martins (2009), percebe-se que a relação da fotografia com as ciências humanas ocorreu, primeiramente, por conta de sua característica ilustrativa e comprobatória. Algo que já era legitimado nos usos comuns da fotografia nos eventos extraordinários citados anteriormente. Sobre isso, Becker (2009) explica que

A biologia, a física e a astronomia hoje são inconcebíveis sem evidência fotográficas. Nas ciências sociais, somente a história e a antropologia, as disciplinas menos “científicas”, usam fotos [...]. A sociologia, arremedando o caráter supostamente científico destes últimos campos, também não lança mão delas. Em consequência, os poucos sociólogos visuais ativos são pessoas que

aprenderam a fotografar alhures e incorporaram a imagem fotográfica ao seu trabalho acadêmico (Becker, 2009, p. 189-190).

O trecho aponta que o distanciamento inicial entre fotografia e Sociologia esteve diretamente ligado ao ideal de ciência positiva do século XIX. Por outro lado, ela também demonstra uma característica particular dos sociólogos e, também, antropólogos, que é o ato de fotografar².

É importante considerar que desde a tradição sociológica clássica até a contemporânea desenvolvida na Escola de Chicago, o componente visual e o método fotográfico não eram incluídos na agenda de pesquisa (HARPER, 1988). Nesse sentido, Becker (2009) compreende que uso da fotografia e de filmes, assim como o estudo dos artefatos visuais para investigar a sociedade, ainda carece de desenvolvimento, caracterizando um espaço periférico na disciplina sociológica.

Delimitando a atuação do sociólogo-fotógrafo, esse autor discorre sobre as semelhanças e diferenças entre fotógrafos e sociólogos, explicando que na relação entre teoria e fotografia, os sociólogos geralmente começam com conceitos mais abstratos e, em seguida, trabalham no sentido de indicadores empíricos específicos desses conceitos, o que lhes possibilita produzir registros mais elaborados dos fenômenos analisados. Já os

² Isso possibilita ao pesquisador uma compreensão sobre fotografia não apenas um método ou fonte de informação, mas também como prática que induz a auto-reflexão epistemológica sobre o “olhar”, a pesquisa de campo e debate teórico.

fotógrafos seguem o caminho contrário, iniciando as operações a partir do campo (Ibidem, 2000). Na Sociologia norte-americana, fotografias ganharam maior espaço durante década de 1960³, momento em que houve uma rejeição de alguns paradigmas dominantes, e quando uma série de fotógrafos passou a registrar e publicar estudos fotográficos sobre diversos problemas sociais relacionados ao racismo, à pobreza, à contracultura etc. Eles traziam registros que lembravam as teorizações urbanas feitas por sociólogos como Simmel e Goffman. Além disso, as fotografias possibilitavam visualizar detalhes como se o leitor estivesse no local, e indicar uma representação e seleção realizada pelo fotógrafo (BECKER, 1974; 2009).

Para Becker, a representação e os significados da imagem podem

³ Sobre o processo de incorporação da imagem na sociologia Brasileira, é importante comentar que o debate em torno do papel das fontes visuais iniciou-se na década entre 1970 e 1980, quando as fontes visuais foram debatidas, primeiramente em termos de método e posteriormente como possibilidades teóricas (LEITE, 1988; MARTINS, 2016). Observando as propostas de Grupo de Trabalho expostas no Congresso Brasileiro de Sociologia, nos dez últimos anos, foi possível constatar que só a partir de 2011 que o GT “Sociologia e Imagem” passou a ser oferecido, com os esforços de pesquisadores como Mauro Luiz Rovai (UNIFESP), Ângelo José da Silva (UFPR) e Túlio Cunha Rossi (UFF) e debatendo, preponderantemente, temas em torno da cinematografia e sociologia. Notou-se que no âmbito do Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) também ocorreram iniciativas que reforçaram a pesquisa visual no Brasil, pois foi possível verificar que nos eventos de 1988 e 1999 autores como Miriam Lifchitz M. Leite e Mauro G. P. Koury apresentaram comunicações sobre o tema. Ainda sobre a ANPOCS, vale destacar que das discussões de um grupo de pesquisadores que participou desse evento, em 2004, resultou o “O imaginário e o poético nas Ciências Sociais” organizado por José de Souza Martins (USP), Cornelia Eckert (UFRGS) e Sylvia Cauby Novaes (USP). Além dessa bibliografia, é importante destacar os livros, Sociologia da Imagem: Ensaios Críticos, produzido pelo Grupo de Estudos Interdisciplinar de Estudos em Imagem coordenado pelo professor Mauro Guilherme Pinheiro Koury (UFPB); e o livro “Sociologia da Fotografia e da Imagem” de autoria de José de Souza Martins (USP), e que foi publicado em 2013. Enfim, os nomes, eventos, localizações das instituições, e anos das produções indicam que há um trabalho coletivo, em diversos pontos do Brasil, no sentido de consolidar os estudos visuais nas Ciências Sociais, e na Sociologia.

ser entendidos de acordo com o contexto organizacional no qual se insere, por exemplo, os usos antropológicos da imagem buscam cientificizá-la de acordo com pressupostos teóricos e etnográficos fundamentais na construção no campo da Antropologia Visual (BARBOSA, CUNHA, 2006); já na Sociologia Visual, ocorre uma operacionalização similar em relação aos pressupostos da teoria sociológica.

Por conta disso, Emmison e Smith (2000) explicam que Becker defendia que a forma mais importante de explorações fotográficas da vida social ocorre quando o sociólogo tenta incorporar a teoria da disciplina e busca aspectos da dinâmica, da organização social e dos padrões de causa e efeito presentes em sequencias de imagens.

A preocupação desse pesquisador com a questão das representações e dos significados denotados na imagem também pode ser relacionada com aspectos de sua biografia pessoal, pois além de ser casado com uma fotógrafa e escritora, ele também viveu experiências nos campos da música e das imagens. Tal característica biográfica pode ser compreendida a partir das palavras do próprio autor que explica:

Sou um sociólogo, por isso as maneiras de falar que vêm de imediato à minha mente são as que os sociólogos usam rotineiramente: descrição etnográfica, discurso teórico, tabelas estatísticas (e representações visuais de números como diagramas de barras), narrativa histórica, e assim por diante. Muitos anos atrás, porém, entrei

para uma escola de arte e tornei-me fotógrafo, e nesse processo desenvolvi um forte e duradouro interesse por representações fotográficas da sociedade, que fotógrafos documentais e outros vêm fazendo desde a invenção do meio (IDEM, 2009, p.16).

O interesse dele pela Sociologia Visual não está apartado de sua experiência no aprendizado da prática fotográfica, que lhe possibilitou considerar a importância da compreensão a respeito dos aspectos sociais da imagem e de outras formas de representação visual como a pintura – manifestações artísticas que foram trabalhadas por ele, com mais detalhes, no livro “Mundo da Arte” (*Arts Worlds*) e no artigo “Arte como ação coletiva”, publicado no livro “Uma teoria da ação coletiva” (1977).

Para ele, o encontro dos papéis de sociólogo e fotógrafo possibilitou uma rica expectativa de agenda de pesquisa e um conjunto de possibilidades no sentido de incorporação de novas fontes e formas de ver e falar da sociedade. Assim, é necessário assumir uma posição diante da atitude fotográfica, ou seja, admitir que, por trás das lentes, existem conceitos, ideias e classificações da vida social oriundas de locais específicos, que assumem um contexto organizacional.

Outro importante nome que se valeu do uso de fotografias foi o de Erving Goffman, cuja principal contribuição pode ser notada

no livro “*Gender Advertisements: Studies in the Anthropology of Visual Communication*” publicado em 1976. Segundo Emmison e Smith (2000), tal obra possui similaridades com o clássico “*Balinese Character a Photographic Analysis*”⁴ (1942) – considerado por Harper (1988) como um dos primeiro grande projeto que continua a ser um modelo científico de uso de imagens. Embora essas obras sinalizem a primazia das imagens, apresentando um grande número de imagens com o mínimo de texto, é importante salientar que Erving Goffman centrou sua análise em questões relativas aos micro-rituais, presentes nos anúncios publicitárias de mulheres. Assim, ele as observa como uma espécie de esquema de interpretação do contexto social real, onde é possível visualizar estratégias de reprodução dos modelos dominantes e dos papéis sociais de nossa sociedade. (GOFFMAN, 1991)

Ele demonstrou uma preocupação em construir uma amostra, de fotografias, que fosse capaz sinalizar uma sensação de estrutura, por meio do apontamento para planos contextuais secundários, e identificação de

⁴ Segundo Martins (2009) Howard Becker possuía uma preocupação e temor quanto a subjetividade da expressão visual nesse trabalho pioneiro no uso da fotografia na Antropologia. Penso que embora própria inserção do sociólogo- fotógrafo, com sua câmera na mão, possibilita um rico exercício fenomenológico e epistemológico, a preocupação de Becker deva ser pensada em relação ao momento de justificação e legitimação científica da incorporação de recursos visuais na pesquisa sociológica. Utilizando os modelos do contexto organizacional de Becker (2009) e a noção de campo de Bourdieu (2004) é possível situar criticamente como são postos os debates sobre o “objetivo” e o “subjetivo” na fotografia. Diria Whyte (2005) para compreender o nativo é necessário observá-lo inserido em seu contexto cotidiano.

diferenças que não eram visíveis em uma primeira observação, em um número pequeno de imagens. Somado a isso, descreveu a importância de contextualizar as fotografias com os títulos, com a periodicidade das publicações, assim como de, no trabalho de seleção e ordenamentos das fotografias, situá-las em relação a informações sociais vinculadas a produção delas.

De modo geral, organiza seu trabalho em duas partes, em uma apresenta o seu modelo metodológico e em seguida expõe um conjunto de fotografias que ilustram condutas sociais, estilo de comportamento, infantilização e submissão da mulher; toque feminino e trabalho com as mãos; relação binária homem-mulher; e outros, que são apresentados por meio de situações cotidianas. Sobre “*Gender Advertisements: Studies in the Anthropology of Visual Communication*”, Olivares percebe que:

Goffman em *Gender Advertisements* destaca una variable interpretativa, que denomina el toque femenino, manifestada em La tendencia a presentar a las mujeres tomando sus manos de manera tal que resalte sus limitaciones para actuar com decisión....Goffman designa tal conducta como una lejanía autorizada, que coloca a las mujeres en una posición aparente de cómoda dependencia. Pero que em realidades un privilegio costoso para las mujeres, pues coloca a los hombres em el papel de sus protectores; al representarlos em las imágenes siempre alertas y com las manos listas para La acción. (OLIVARES, 2009, p.181)

Olivares aponta para a presença do método dramatúrgico e enfatiza que as imagens trazem formas de condutas masculinas e femininas que não podem ser explicadas sem que se faça uma análise dos papéis e interações estabelecidas entre os atores, ou seja, existem fachadas, palco e plateia para cada tipo de comportamento ritualizado nas fotografias. Tal constatação reforça a ideia de que para Goffman, a fotografia era entendida como uma forma representação a ser trabalhada no referido viés sociológico. Uma informação que merece destaque, na trajetória de pesquisa visual desse autor é o modo como viveu experiências extra-acadêmicas com as imagens. Mais precisamente o tempo de trabalho na *National Film Board* do Canadá. Sobre esse período, Winkin (2004) discorre:

Verão de 1943, no gramado em frente ao prédio do National Film Board, em Ottava, Goffman está comendo um sanduíche com seu colega de quarto Alan Adamson e outros companheiros não identificados; passa o verão embrulhando caixas de filmes que são despachadas para todo o país para “mostrar o Canadá para os canadenses”, como diz o lema do National Film Board (NFB). É provável que ele tenha entrado em contato com a equipe e parte das técnicas dos documentários de Gireson, como Alan Adamson dirá posteriormente. Eram tantos filmes produzidos pela NFB (320-1945) e pessoas jovens e brilhantes para discuti-los (Dennis Wrong entre eles) que Goffman não pode ter saído ileso. (WINKIN, 2004, p.17)

É provável que esse processo de socialização com as imagens seja diretamente vinculado a aspectos como a linguagem dramatúrgica utilizada na perspectiva Goffmaniana; a valorização da perspectiva etnográfica, marcada profundamente pela inserção no cotidiano e observação direta; e o próprio conjunto conceitual desenvolvido por esse autor.

Além das obras seminais “Fotografia e Sociologia” e “*Gender Advertisements*”, é possível falar também sobre os esforços na construção de associações e revistas especializadas. Nesse âmbito se destacam Leonard M. Henny e Douglas Harper na *International Visual Sociology Association* (Associação Internacional de Sociologia Visual) fundada em 1981. Sobre essa outra forma de institucionalizar uma área (visual) na Sociologia, Harper⁵ (2009) explica que dessa primeira associação emergiram duas importantes revistas: 1) o “*International Journal of Visual Sociology*”, que publicou, na Europa, uma série de monografias e estudos visuais; e 2) a *Visual Sociology Review* que é uma publicação semestral, norte-americana, voltada para artigos curtos, revisões, estudos fotográficos, estratégias de ensino e outros temas relacionados à imagem. Sobre a ampliação desses espaços, Olivares (2009) destaca que a *Current Sociology Review*, publicação oficial da *International Sociological Association* (ISA) publicou, em setembro de 1986, um número

⁵ Douglas Harper é professor associado de Sociologia na *State University of New York, College at Potsdam*. É editor da *Visual Sociology Review*. Editou uma série de livros de estudos visuais pela *Temple University Press*. Ele se dedica a produzir livros sobre método fotográfico e filme etnográfico.

especial chamado *Trend Report: Theory and Practice of Visual Sociology* (Notas sobre Tendências: teoria e prática da Sociologia Visual). Na ocasião, tal edição contava com vários artigos que demonstravam a importância da fotografia na investigação social.

No cenário acadêmico francês também foi bastante dinamizado, incluído relações entre empresas do ramo visual e pesquisadores. Sobre isso Estradé (2003) observa que, em 1961, a empresa KODAK⁶ entrou em contato com o sociólogo Raymond Aron a fim de encomendar um estudo sobre o impacto social da fotografia. Contudo, por conta do conjunto de atividades desse pesquisador junto à Sorbonne, Centro Europeu de Sociologia Histórica, e de sua produção em revistas especializadas, ele delegou esse importante trabalho para Pierre Bourdieu que, na época, era secretário geral do Centro Europeu de Sociologia e recém-chegado da Argélia.

A relação entre Bourdieu e os estudos sobre imagens pode ser pensada a partir da experiência dele em trabalhos de campo na Argélia colonial e em Béarn – província natal do pesquisador. Assim desse ponto, é possível perceber esse autor em dois tipos de relação com a fotografia: 1) como sociólogo-fotógrafo; e 2) como um sociólogo da fotografia (ou

⁶ Segundo o autor, a fotografia colorida produzida pelo sistema *Kodak color* era mais barata e atrativa que os anteriores, e durou cerca de oito ou dez anos na França. As câmeras de bolso passaram a existir em 1972, com o lançamento simultâneo da *La Instmatic 20*, da Kodak e SX-70 da Polaroid. Uma consequência desse contexto foi a larga expansão da fotografia.

da imagem) – a primeira situação, relacionada à experiência na Argélia e o segundo contexto vinculado à reflexão e produção do livro *Photography – a Middle Brow Art* (Um Arte médio, na edição espanhola).

Sobre a estada de Bourdieu na Argélia, ressalta-se que o referido pesquisador tirou mais de mil fotografias naquele país, constituindo um catálogo chamado “*Images d’Algérie: une affinité élective*”, exposto entre 23 de janeiro e 2 de março de 2003, no Instituto do Mundo Árabe de Paris (IBIDEM, 2003). Essas fotografias caracterizam um forte registro documental e uma fonte de conhecimento sobre aspectos sociais e históricos argelinos. Sobre esse momento da trajetória do autor, Vieira (2011) explica:

Em relação ao cotidiano árido da Argélia, Bourdieu registrou incansavelmente tudo o que via como tentativa de compreender as contradições sociais sofridas pelo povo argelino frente à barbárie do colonialismo francês. Sobre a **objetivação sociológica** do cotidiano argelino, Bourdieu avançava em suas observações etnológicas contando com a proteção de suas lentes ZeissIkonflex, que lhe permitiam fotografar sem ser notado. Ao distanciamento de sua câmera Rolleiflex, Bourdieu combinava a razão reflexiva e participante do observador acadêmico, que tentava não se deixar sucumbir frente ao desespero de uma população que definhava sob os dogmas do progresso. (VIEIRA, 2011, p.51, grifo nosso)

Assim, a fotografia produzida pelo autor pode ser compreendida como localizada entre um recorte social composto tanto por contradições

e desigualdades, quanto por um *modus operandi* que caracteriza a sociologia de Pierre Bourdieu, marcada por aspectos como objetivação participante, a reflexibilidade, a dúvida radical e outros pontos. Essa relação entre a teoria sociológica e a postura do pesquisador munido de uma câmera é considerada algo normal para Harper (1988), pois esse estudioso explica que muitas categorias sociológicas são baseadas em fenômenos observáveis, podendo assim, ser apreendidas por meio da imagem fotográfica⁷.

Por outro caminho, o citado sociólogo francês também analisou fotografias já produzidas, quando coordenou o projeto sobre o impacto social da fotografia contido no livro *Photography- a Middle Brow Art*. Sobre esse processo, Estradé (2003) explica que Pierre Bourdieu recrutou importantes colaboradores, dentre os quais se destacam: Raymond Aron, que participou inicialmente com um trabalho de tutela e supervisão; Marie-Claire Bourdieu (esposa do pesquisador), na investigação sobre a fotografia no meio rural de Bearn; Jean Claude Chamboredone Luc Boltanski, que analisaram os diferentes tipos de fotógrafos, suas condições de trabalho e origens sociais; Robert Castel e Dominique Schnapper (filha mais velha de Raymond Aron), que pesquisaram um clube de fotografia na cidade de Bolonha; Gérard Lagneau, que analisou a fotografia publicitária; Jean Claude Passeron⁸, que realizou um estudo sobre o

⁷ Dessa forma, o sociólogo-fotógrafo deve aprender a registrar as suas imagens de uma maneira análoga ao processo de recolha de dados em trabalho de campo.

⁸ Para mais detalhes ver: PASSERON, J.-C. *La photographie parmi le personnel des usines Renault*. Paris: CSE, ronéotype, 1962.

uso da fotografia pelos trabalhadores da Renault na década de 1960.

Desse livro, é importante destacar o capítulo “Culto à unidade e às diferenças cultivadas”, no qual Bourdieu (2003) discorre sobre as diferentes maneiras de fotografar e os usos sociais da fotografia de acordo com determinadas classes. O autor observa que nas casas camponesas, por exemplo, as fotografias ficavam guardadas em uma caixa e poucos retratos ficavam expostos em molduras, destacando que as fotografias de cerimônias eram da lógica privada e, portanto, não eram expostas nos espaços cotidianos. Já nas habitações mais luxuosas, em alguns espaços mais pessoais, como os dormitórios, há fotos de parentes falecidos. Ele nota que a produção de fotografias de festas e cerimônias que reafirmam o fortalecimento de laços sociais são mais presentes nas classes populares, enquanto que nas classes altas há uma valorização das fotografias de paisagens em detrimento das tradicionais festas. Tais constatações seguem de acordo com as observações de Martins (2013) quando discorre que:

O conteúdo sociológico da fotografia desse tipo está no modo de fotografar que diferencia classes ou categorias sociais, como a classe média e os camponeses, que usam distintas concepções de imagem nos retratos e fotografias que fazem, os camponeses preferindo fotos frontais em momentos de ritos demarcatórios da vida comunal e familiar... (MARTINS, 2013, p.17)

Reafirmando essa perspectiva, pode-se citar também o artigo de Pierre Bourdieu e Marie-Claire Bourdieu que trata dos usos sociais e sentidos das fotografias na sociedade camponesa de Beárn⁹, localizada no sudoeste da França. Desenvolvendo uma leitura sociológica sobre as fotografias de casamento, os autores perceberam que elas podem ser entendidas como uma espécie de “sociograma”, que possibilita um registro visual dos papéis sociais existentes.

De modo geral, as abordagens contidas no livro reafirmam a relação entre fotografia e sociedade, atentando para aspectos como especialização profissional, organização social, expressão de determinadas representações, e outros que apontam para a forma de abordagem e problematização sociológica da imagem. Assim, tomando como parâmetro a inserção da produção fotográfica e acadêmica sobre fotografia na trajetória de Pierre Bourdieu, é possível compreender que ela se apresenta de duas formas: 1) como modo de produção de registro visual, orientado para interpretar aspectos importantes da sociedade argelina; e 2) como produto, por meio do qual é possível compreender determinados grupos, como, por exemplo, a comunidade rural do Béarn.

Seguindo a própria análise bourdiana da construção de um *habitus* fotográfico, pode-se dizer que a fotografia não estaria apartada das

⁹ Parte desse texto (presente no livro) pode ser verificada no artigo “O camponês e a Fotografia” escrito por Pierre Bourdieu e Marie-Claire Bourdieu.

características sociais de quem a produz, seja um sociólogo, um camponês do Beárn ou de uma equipe de pesquisadores, possuindo também uma função social dentro dos grupos, servindo como elemento de coesão e de transmissão de determinados conteúdos simbólicos.

3. Fotografia e pesquisa urbana: contribuições dos contemporâneos

Sobre a influência da escola de Chicago na Sociologia urbana Brasileira¹⁰ há uma série de produções que ressaltam os impactos dos trabalhos de Donald Pierson, Robert Park, Erving Goffman e Howard Becker na sociologia urbana (VALLADARES, 2010; MENDONZA, 2005; VELHO, 2002). Embora existam produções sobre os impactos de Chicago nas Ciências Sociais no Brasil, ainda há uma necessidade de debate sobre as contribuições desses clássicos nas pesquisas que se valem de fotografias. Assim, restam as questões: que contribuições podemos tirar de Erving Goffman, Horward Becker na pesquisa com fotografias? e quanto a Pierre Bourdieu,¹¹ O que ele tem a nos ensinar sobre a pesquisa com imagens? .

¹⁰ Se, como visto anteriormente, a incorporação na Sociologia de Chicago passou a ser debatida e ganhar mais espaço a partir da década de 1960, no Brasil esse processo ocorreu vinte anos depois. No Brasil, autores como Koury(1999) e Martins(2009) que nas décadas de 1970 e 1980 os estudos com imagens ocorreram de forma interdisciplinar nas ciências humanas e ocorreram de forma tímida.

¹¹ “No diálogo de Bourdieu com os estudos urbanos, pode-se citar, como exemplos, os artigos ‘Habitus, planejamento e governança urbana’ de Nilton Ricoy Torres(2012) e “Comunidades Eclesiais de base e a luta por moradia: educação e participação política em contexto de precarização” de Jesus Marmanillo (2011)

Como ponto de partida, considera-se a observação de Martins (2013, p.35) quando nota que “mesmo sem o recurso imagético e interesse pela fotografia, a Sociologia devotada aos processos sociais cotidianos passou a trabalhar com descrições sociológicas intensamente visuais.” Exemplo disso são as pesquisas de viés etnográfico, pois preconizam as relações face a face, as condutas na vida diária, a rotina, as interações, as experiências e o mundo da vida (aspectos comuns aos três autores selecionados).

3.1 Howard Becker: contexto organizacional e pesquisa de campo

No artigo “Sociologia Visual, Fotografia Documental e Fotojornalismo”, Becker (2009) fornece importantes pistas para compreender o significado desses três gêneros de trabalho com imagens, atentando para o sentido que a fotografia possui e como ela surge nas organizações nas quais é utilizada – academia, jornais e grupos de documentaristas. Assim, as classificações e concepções de fotografia estariam relacionadas a aspectos organizacionais e históricos, ou seja, como conjuntos de atores produzem uma construção social dos significados e dos usos da imagem e como isso se consolida historicamente por meio de importantes trabalhos como o de Lewis Hine, Robert Frank e Douglas Harper.

Entre várias comparações e interpretações dos trabalhos dos três gêneros é notório o esforço de Becker em buscar uma explicação para a Sociologia Visual. Algo que fica mais claro quando lança a seguinte provocação:

O que se espera que os sociólogos visuais façam? Imagino que aquilo que deveriam fazer para atrair a atenção e impor respeito à sua disciplina. O que deveriam levar a cabo para convencer outros sociólogos de que seu trabalho é em certo sentido uma parte essencial do empreendimento sociológico? Mas esta não é só uma questão de convencer os colegas profissionais. Eles devem também convencer a si mesmos de que o que estão fazendo é realmente sociológico, não apenas fotografias bonitas e interessantes. (BECKER, 2009, p. 190)

Como forma de demonstração do rigor científico da Sociologia Visual, esse autor explica a importância do contexto na produção de significado nas imagens e defende que “como todos os objetos culturais, as fotografias ganham sentido a partir de seu contexto” (IDEM, 2009, p. 190). Com isso, quer dizer que pinturas e esculturas possuem sentido também de acordo com aspectos como o local onde são expostas, as legendas que são colocadas, a relação com outros objetos visuais presentes no mesmo ambiente e pelo debate e escrita em torno delas. Tal argumento é a base da crítica aos fotógrafos de arte contemporâneos que poucas vezes fornecem

um contexto maior que a data ou o local, retendo dados sociais mínimos¹² que poderiam ser usados para informar sobre o contexto da imagem.

Como exemplo de Sociologia Visual, ele destaca o trabalho de Douglas Harper, um dos principais sociólogos dedicados à defesa dessa área e cofundador da *International Visual Sociology Association*, organização da qual foi eleito presidente em 2013. O primeiro trabalho dele, “*Good Company: tramplife*” (1982), foi composto por um conjunto de 85 fotografias que relatam o cotidiano e a história de mendigos. Trata-se de um trabalho de campo de quatro anos nos quais Harper viajou extensivamente em trens de cargas do Leste até a Costa Oeste dos EUA para acompanhar mendigos em seus processos migratórios relacionados ao trabalho e à sobrevivência. Segundo Becker,

[o] que faz das imagens de Harper sociologia visual não é apenas seu conteúdo, mas seu contexto. Elas aparecem cercadas por texto sociológico, embora de tipo não convencional, que explica o seu significado para nós. Uma parte do texto narra como Carl ensinou a cultura dos vagabundos para Harper. A outra parte descreve, em linguagem sociológica analítica, essa cultura, as formas características de organização social em que os vagabundos estão envolvidos, as condições em que tais adaptações se desenvolvem e persistem. (BECKER, 2009, p. 197)

¹² Becker (2009) percebe que tais fotógrafos deixam os espectadores interpretarem as imagens como puderem a partir das pistas de vestuário, atitude, conduta e mobiliário.

Assim, discorrendo sobre o trabalho de Harper, explica a importância de pensar a fotografia inserida em um contexto, tomando como exemplo a fotografia de Carl – mendigo com quem Harper teve contato durante o trabalho de campo. Com a imagem (imagem 1) que registra o mendigo se barbeando, Harper vai contra a noção do senso comum de que os “vagabundos” não se cuidam e explica que “quando vemos esses homens com uma barba de dois dias, deveríamos nos dar conta de que isso significa que fizeram a barba dois dias antes” (HARPER apud IDEM, 2009, p.197).

Imagem 1- Mendigo fazendo a barba



Fonte: Douglas Harper apud Becker, 2009.

Com tal exemplo, é possível diferenciar as formas da abordagem jornalística e a sociológica¹³. Dessa forma, ao pensar a fotografia em um

¹³ Como observa William Foote Whyte (2005), a primeira geralmente se concentra no evento espetacular no qual o acusado é destacado da sociedade e julgado segundo padrões diferenciados daqueles pertencentes ao grupo dele. Assim, essa abordagem pode dar bastante destaque aos indivíduos, estigmatizando ou acusando, porém não caracteriza um modo de entendê-los.

trabalho de campo extenso como o de Douglas Harper, é possível elencar outras informações contextuais que sinalizam uma perspectiva de análise do cotidiano em termos imagéticos.

Os escritos de Howard Becker deixam clara a importância de auto-reflexão e reflexão a respeito dos contextos de produção das fotografias e, também, o significado de uma perspectiva de pesquisa cotidiana para a construção de narrativas sociológicas. Enfim, se anteriormente foi verificado que o nome de Howard Becker é invariavelmente ligado ao estabelecimento de uma Ciência Social do visual (Emmison e Smith; 2000), isso se dá por conta do esforço que esse autor empregou na busca de objetividade na pesquisa com imagens.

3.2 Erving Goffman e a Fotografia: interação entre fotógrafo e objeto fotografado

A obra de Goffman representa o produto mais bem-sucedido de uma das maneiras mais originais e raras de praticar a sociologia: aquela que consiste em **olhar de perto e longamente** a realidade social, em vestir o avental de médico para penetrar no asilo psiquiátrico e se colocar assim no próprio espaço desta infinidade de interações “infinitesimais” [SIC] cuja integração faz a vida social [...] **Se este observador apaixonado pelo real sabia ver tão bem, é porque também sabia o que procurava.** ((BOURDIEU, 2004, p. 11-12, grifo nosso)

Na citação, “O olhar de perto e longamente” que faz lembrar o “De perto e de dentro” da Antropologia Urbana de José Guilherme Magnani¹⁴ não ocorre por outra causa que não a valorização de uma inserção etnográfica do pesquisador no campo de pesquisa. Trata-se de um primeiro ponto de convergência desse autor interacionista com a perspectiva defendida por Becker, e um sinal da influência da micro sociologia de Chicago nos estudos de Antropologia e Sociologia urbana no Brasil. Já o “saber ver por saber o que buscar” sinaliza a busca de objetividade sobre a imagem enquadrada, significando, portanto a compreensão que o “olhar” é socialmente condicionando e que, como diria o próprio Bourdieu (2004), as operações mais teóricas (saber) possuem implicações práticas (ver) na hora do trabalho de campo.

Autor em importantes publicações como *Urban Life* e *Journal of Contemporary Ethnography* e livros como *Gender Advertisements: Studies in the Anthropology of Visual Communication*, Erving Goffman seguiu uma linha interacionista caracterizada pela análise de quadros (*frames*). Desenvolveu, assim, um conjunto conceitual de interpretações do cotidiano, baseado na “articulação entre a análise da interação, a experiência dos participantes e a dimensão cognitiva da participação em situações sociais” (NUNES, 1999, p.39).

¹⁴ MAGNANI, J. G. 2002. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 17, n. 49 – São Paulo.

Seguindo tal orientação, a pesquisa empírica pode ser pensada em duas situações distintas: 1) pelo controle de impressões; e 2) pelo quadro fotográfico (*Picture Frame*). Para exemplificar o primeiro caso, pode-se destacar o estudo clássico de Gerard Berreman intitulado “Etnografia e Controle de Impressões em uma Aldeia do Himalaia”; e para ilustrar o segundo, elencam-se alguns aspectos da ritualização da feminilidade presentes no livro “*Gender Advertisements*” de Erving Goffman.

Pensar o controle de impressões no campo da pesquisa fotográfica significa considerar as interações e relações sociais que possibilitam o registro visual, ou seja, da relação entre o sociólogo visual e a comunidade ou grupo a ser registrado. Na Antropologia Visual esse tema tem sido desenvolvido nos estudos orientados pela fotoetnografia, que buscam problematizar o próprio papel do pesquisador. Além disso, essa problematização pode ser compreendida por meio da microanálise sociológica de viés Goffmaniano, já que

[o] controle de impressões constitui um aspecto de qualquer interação social. Trata-se aparentemente, de uma condição necessária à continuidade da interação social. Para uma pesquisa etnográfica competente, é essencial compreender a natureza e os desempenhos resultantes. Devem ser empregados procedimentos metodológicos que revelem não só o desempenho montado para o observador, mas também a natureza dos esforços empregados na sua produção e a situação dos bastidores que oculta. (BERREMAN, 1975, p. 174)

Para compreender melhor essa relação entre controle de impressões nas situações de interação social, o autor explica que tais impressões são promovidas a partir de uma região interna, dos indivíduos, e expostas em uma região exterior onde é observada por uma plateia. Assim, ao analisar a própria apresentação diante do grupo que se pretende estudar, obtém-se uma rica possibilidade de compreensão das ações e impressões que compõem os processos de interação e identificação dos signos (símbolos) capazes de transmitir informações sociais (GOFFMAN, 1988).

O olhar do pesquisador pode ser problematizado em termos de quadros (*frames*), pois como destaca Nunes (1999), o sociólogo como observador e como participante, pode acionar vários quadros vinculados às suas próprias experiências e à sua dimensão cognitiva. A partir desse ponto, a produção fotográfica pode ser compreendida como associada a uma situação particular, não sendo tratada como uma forma de registro sobre experiências e acontecimentos, mas de um produto que emerge em relação ao trabalho de campo, à experiência, à cognição e às relações estruturais com outros tipos de informação que circundam tal produção.

Em relação ao registro fotográfico como resultado das inserções cotidianas e extraordinárias, Pereira (2015; 2017) percebe que quanto mais próxima é a relação entre pesquisador e pesquisados, mais detalhes e informações serão obtidas nas imagens; e que quanto mais distante o

pesquisador for, mais genérica e ampla tende a ser a sua fotografia. Uma forma de visualizar isso pode ser exemplificada na diferença entre um sociólogo-fotógrafo que faz suas primeiras fotografias de forma distante do grupo, percebendo-o em relação a uma paisagem mais ampla, e outro que já possui contato duradouro com algum informante do grupo que lhe possibilita adentrar os ambientes privados e domésticos da comunidade, apreendendo imagens possíveis para aqueles que vivem o cotidiano das dinâmicas internas do grupo.

Outra possibilidade para pensar-se a perspectiva Goffmaniana no trabalho com fotografias é aquela realizada com imagens já produzidas – explicado no livro *Gender Advertisements: Studies in the Anthropology of Visual Communication*. Para compreender a fotografia como *frame* (*picture frame*), um passo importante é identificar a função e o tipo da fotografia, para contextualizá-la dentro de um cenário mais amplo e em relação à sua plateia. Outro é compreender como determinados valores e ideais são ritualizadas nas imagens, entendendo-as enquanto seleções (enquadramentos), extrações da informação de um contexto específico para serem operacionalizados (hiper-ritualização) em termos de comunicação para uma plateia específica. Assim a fotografia pode ser entendida como símbolo de interação existente entre o fotógrafo e o observador, logo possui determinado propósito em distintas situações.

3.3 Reflexibilidades Fotográficas: da objetivação participante até o campo

Seguindo um viés bourdiano, é possível pensar o ato fotográfico como uma forma de *habitus* científico. Dessa forma a fotografia pode ser compreendida como um tipo de linguagem que deve dialogar constantemente com a teoria sociológica e com a linguagem escrita. Essa relação entre a prática de fotografar e o conhecimento sociológico no processo de pesquisa, se sustenta na ideia de que “as opções técnicas mais empíricas são inseparáveis das opções mais teóricas de construção do objecto” (BOURDIEU, 2004, p.24).

Quando contextualizados com a prática fotográfica, os escritos desse autor apontam que, assim como em qualquer outro trabalho de pesquisa em Ciências Sociais, o sociólogo-fotógrafo necessita ter sempre “uma dúvida radical” como meio para não produzir fotografias orientadas pelo senso comum ou representações partilhadas.

Assim como Becker e Goffman, esse autor também se empenha numa busca de objetividade e apoia-se em um exercício de vigilância epistemológica que fica claro quando defende uma objetivação participante, por meio de uma atitude que “requer a ruptura de aderências e adesões mais profundas e inconscientes, aquelas que muitas vezes constituem o interesse

do próprio objecto estudado” (BOURDIEU, 2004, p.51).

Tanto a dúvida radical, quanto a objetivação participante podem ser visualizadas mentalmente nas situações em que turistas reproduzem sempre enquadramentos semelhantes sobre pontos turísticos que são consagrados pelo coletivo, ou seja, deixam de pensar a imagem como possibilidade de problema e reflexão, para desenvolver um *habitus* turístico.

Parafraseando Becker (2009), tais operacionalizações teórico-metodológicas possibilitam fazer uma Sociologia Visual, em vez de apenas produzir fotos bonitas e interessantes.¹⁵ Como explicado anteriormente, a relação entre fotografia e teoria sociológica na perspectiva francesa pode ser observada no conjunto de artigos publicados no livro *Photography- a Middle Brow Art*. As abordagens que buscam a função da fotografia, as características sociais dos grupos que praticam a fotografia, as especializações profissionais construídas em torno da fotografia e as representações partilhadas nas imagens são um conjunto de operações práticas ancoradas na Sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu.

A Sociologia reflexiva contribui, com os estudos das imagens, quando aponta a necessidade de se ter uma orientação teórica que guie

¹⁵ Na Antropologia Visual, Pierre Jordan (1995) nota por meio da metáfora, “Primeiros contatos e os primeiros olhares”, o encontro entre as inovações no processo de registro de imagens e aspectos metodológicos relacionados ao campo antropológico. Explica uma metodologia pautada no aprimoramento das técnicas de coleta de dados, da “câmera participante”, inserção em campo e outros aspectos que cientificizaram a área de conhecimento visual.

a prática fotográfica; quando problematiza e põe em dúvida os ângulos e enquadramentos fotográficos consagrados nas representações partilhadas - operacionalizações podem ser visualizadas¹⁶ no trabalho “*Images d’Algérie: Une affinité électorale*”.

Assim como em Goffman, a inserção em campo e relação com o “outro” também é problematizada pelo sociólogo Francês. Isso porque independentemente da natureza do registro – visual, oral, documental etc.- a sua aquisição quase sempre ocorre mediada por outro agente. Sobre esse processo de busca mediada de informação, Bourdieu explica:

É o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo, é ele quem geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado. Esta dissimetria é redobrada por uma dissimetria social todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente capital cultural. (BOURDIEU, 2007, p. 695)

Tal como ocorre em uma situação como a da entrevista expressa na citação, pode-se problematizar a relação polarizada entre sociólogo-fotógrafo e nativo a ser fotografado, ressaltando a importância da inserção em campo e os primeiros contatos com os nativos, que são, antes de tudo, relações sociais. Enfim, tomar a imagem fotográfica como documento social

¹⁶ <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a09n26.pdf> acessado em setembro de 2015.

envolve as mesmas dificuldades que há quando se toma a palavra falada, o depoimento e a entrevista, em termos absolutos. É um processo marcado por limitações e insuficiências e, portanto, passível de problematização (MARTINS, 2013).

Conclusões preliminares

Os contemporâneos Erving Goffman, Horward Becker e Pierre Bourdieu, cada um ao seu modo, possuíram grande importância no processo de incorporação das fontes imagéticas na pesquisa sociológica.

Quando pensamos a incorporação do componente visual na pesquisa, tomando como referência os aspectos objetivos e subjetivos da imagem, há uma necessidade de situá-los em um momento específico de emergência de uma Sociologia Visual, em um cenário mais amplo da disciplina. Por um lado, a fotografia sempre teve uma característica comprobatória, fosse nos retratos de família, nas fotografias policiais e do governo ou nas que representavam evidências nas ciências naturais, sinalizando um movimento de objetivação e deslocamento dos usos particulares para usos coletivos em termos de políticas públicas de segurança e controle.

Por outro, é importante considerar que tanto a fotografia quanto a Sociologia são filhas da modernidade e, portanto, criadas em um ambiente

de objetividade dos conceitos científicos de Daguerre ou da filosofia positiva de Augusto Comte. As primeiras resistências da Sociologia já consolidada em relação à fotografia foram justamente fundamentadas na dúvida quanto à objetividade dessa fonte. Pensando tal dinâmica de formação da área sociológica, Jeffrey C Alexander (1998) explica que é possível compreender que os teóricos contemporâneos “secularizaram” o modelo clássico, despojando-o da teleologia revolucionária e conservando sua teoria explicativa firmemente racional, distributiva e materialista. Nesse sentido, a incorporação da fotografia ocorre dentro desse movimento interno que caracteriza o pensamento sociológico.

Os três autores contemporâneos selecionados possuem, em comum, abordagens que sinalizam a pesquisa “de perto e de dentro”, focada no contato direto e cotidiano com os atores sociais pesquisados. São autores que instigam reflexões sobre as ações “em frente” e por trás das câmeras, ou seja, permitem pensar a imagem como método de obtenção de informação sobre determinados grupos. Ao mesmo tempo, a (auto)reflexão do papel do pesquisador quando inserido em campo, particularmente na sua proximidade e distanciamento dos atores sociais investigados, e repercussão disso na quantidade de detalhamento nas informações visuais(fotos gerais e distantes - fotos próximas e detalhadas).

Ao problematizar os autores foi possível inferir que a Sociologia

Visual existe antes mesmo do surgimento de uma literatura especializada sobre o área, já que “aprender a ver” constitui um procedimento vital para a inserção dos temas visuais. Assim, diferentemente de uma fotografia “montada” com o objetivo de criação de paisagem, ou com a preocupação unicamente estética, a fotografia sociologicamente orientada pode ser caracterizada por um conjunto de operações e reflexões sobre método e teoria social, que acabam por materializar um desejo de descrição e interpretação do social.

Assim, compreende-se que não se trata apenas de uma descrição do social, pois assim como as fontes orais, documentais e outras, a fotografia também é um produto social e um recurso por meio do qual é possível compreender uma série de atores, redes, subjetividades e sentidos. Trata-se de signos por meio dos quais eles se expressam determinados espaços sociais, revelando costumes, valores e sentidos.

Referências

BARBOSA, A.; CUNHA, E. T. da.2006. *Antropologia e Imagem*. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed.

BECKER, H.2009. *Sociologia visual, fotografia documental e fotojornalismo* In: BECKER, H. Falando de Sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. p.185-200.

_____.1974 “*Photography and sociology*”, Studies in the anthropology of visual communication, (1). p. 3-26.

BERREMAN, G.1975 “*Etnografia e Controle de Impressões em uma Aldeia do Himalaia*”, In: A. Zaluar (Org.). Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves. p. 123-174.

BOURDIEU, P. *Compreender* In: BOURDIEU, P.(Org.). A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 2007, p.693- 732.

_____.1998. *Photography: a middle-brow art*. Cambridge: Polity Press.

EMMISON, M. and SMITH P.2000. *Researching the Visual: Images, Objects, Contexts and Interactions in Social and Cultural Inquiry* .London: Sage Publications India.

ESTRADÉ, A.2003. *A la presente edición*. IN: BOURDIEU, Pierre. Um Art Medio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografia. Barcelona: Editorial Gustavo Gili. S.A .

GOFFMAN, E.1991. *La Ritualización de la feminidad*. In: GOFFMAN, Ken (Org.). Los Momentos y sus Hombres. Barcelona: Península. p. 135-168.

HARPER, D.1988. *Visual sociology. Expanding sociological vision*. The American Sociologist/ New York-USA: Spring. p. 54-70.

_____. 1998 “*An Argument for Visual Sociology*” In: *Image-based Research: A Sourcebook for Qualitative Researchers*. (edited by John Prosser) Philadelphia, UK Falmer PRESS. p.24-41.

JORDAN, Pierre.1995. “*Primeiros contatos, primeiros olhares*”. Cadernos de Antropologia e Imagem. Rio de Janeiro: NAI/UERJ. p. 55-64.

KOURY.M.G.P.1999. *A Imagem nas Ciências Sociais do Brasil: Um Balanço Crítico*. BIB: Boletim informativo e bibliográfico de ciências sociais, ANPOCS, Rio de Janeiro, n.º 47. p.49-63.

LEITE, M. L. M. 1988. *A Fotografia e as Ciências Humanas*. BIB: Boletim informativo e bibliográfico de ciências sociais, ANPOCS, Rio de Janeiro, n. 25. P.83-90

MARTINS, a. L. L.2016. ‘*Os amores difíceis*’: *sociologia e fotografia*. Estudos de sociologia (Recife), v. 1, p. 223-244.

MARTINS, J. de S.2013. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto..

MENDOZA, E. S.G.2005. *Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950)*. Sociologias [online]. n.14 p.440-470.

NUNES, J. A.1993.*Erving Goffman, a Análise de Quadros e a Sociologia da Vida Quotidiana*. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra-PT. p 33-49.

OLIVARES, M. O.2009 *Metodología de la sociología visual y su correlato etnológico*. Argumentos (Méx.), México , v. 22, n. 59, p. 165-184.

PEREIRA, J. M.2015. *Interações fotoetnográficas: o “eu” e o “outro” na Praça de Fátima - ITZ*. Revista Iluminuras (Porto Alegre), v. 16, p. 226-242, 2015.

_____.2017.*Do extraordinário ao cotidiano: Itinerários de uma experiência fotoetnográfica em Imperatriz*. Revista VISAGEM (Belém), v. 3 2017. p.15-37

VIEIRA, C.2011. *Investigar fotografando – notas imagéticas de uma sociologia das desigualdades sociais*. Revista Ensaios, Rio de Janeiro. nº 5, vol. 2 .p.51-52

SAMAIN, Etienne. 1995. “*Ver*” e “*dizer*” na tradição etnográfica: *Bronislaw Malinowski e a fotografia*”. In: Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, v.1, n.2, jul./set. Porto Alegre: UFRGS. p.23-60.

SCHUTZ, A.2012. *Fenomenologia das Relações sociais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

SONTAG, S.2004. *Na Caverna de Platão* In: SONTAG, Susan. Sobre fotografia. trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia das Letras.

VALLADARES, L. P.2010. *A visita do Robert Park ao Brasil, o “homem marginal” e a Bahia como laboratório*. Cad. CRH [online]. 2010, vol.23, n.58. p. 35-49.

VELHO, G.2002 *Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil*. Ilha. Revista de Antropologia, v. 4, n. 1. Florianópolis: UFSC. p. 5-16.

WINKIN, Y.2004. *Erving Goffman: o que é uma vida? O incômodo de fazer uma biografia* In: GASTALDO E. Erving Goffman: desbravador do cotidiano Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004

WHYTE, W.F.2005. *Introdução: Cornerville e sua gente* In: WHYTE, W.F. Sociedade de esquina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p.19-27

Artigo recebido em: abril/2016

Aprovado em: abril/2017